

O GLOBO

Diretor Executivo • MERVAL PEREIRA
Editor-Chefe • RODOLFO FERNANDES

O GLOBO é publicado pela Infoglobo Comunicações Ltda.

Vice Presidentes: Rogério Marinho • João Roberto Marinho
Conselho Consultivo: Francisco Graell • Luiz Paulo J. Vasconcelos
Diretor Geral: Luiz Eduardo Vasconcelos

Diretor de Jornalismo: Merval Pereira • Diretor de Recursos: Antônio Carlos Conrado
Diretor de Operações: Paulo Novais • Diretor de Mercado: José Padilha • Diretora Financeira: Ana Paula Pessoa

Rua Irineu Marinho, 35 - Cidade Nova - Rio de Janeiro - RJ • CEP 20.230-901 • Tel (21) 534-5000 • Fax (21) 534-5535

OPINIÃO

Dirigentes humanos

Outra porta

O Instituto Steve Biko, dedicado ao problema do racismo, evitou praticar racismo com sinal trocado ao criar um curso de pré-vestibular em Salvador. Seus alunos são todos estudantes de baixa renda — mas, por conhecidas razões históricas, quase todos são negros. Em nove anos, o Steve Biko conseguiu levar à universidade 200 jovens. Todos em condições de enfrentar os desafios que os esperavam.

Essa é uma resposta à discriminação racial obviamente mais inteligente do que o sistema de cotas, que garante o ingresso na escola superior, mas não tem o menor compromisso com a formação anterior do estudante. As cotas podem incluir os melhores negros, mas não têm como assegurar que será suficiente o melhor de que são capazes hoje — tanto eles como quaisquer outros adolescentes saídos de escolas públicas no país.

Se os esforços para compensar desvantagens que vêm do tempo de escravidão não incluírem melhoria considerável no ensino básico oficial, as cotas serão inúteis. Pior, serão prejudiciais: como não é raro acontecer, a mudança automática no quadro de matrículas criará a falsa impressão de problema resolvido, abrindo caminho para um de dois desenlaces negativos: ou a universidade baixa as exigências do ensino para ir ao encontro do nível de aprendizado dos novos alunos, ou estes serão derrotados por um desafio absolutamente injusto.

Joaquim Barbosa Gomes, um dos sete negros entre os procura-

dores da República, escreveu um livro sobre a experiência da “ação afirmativa” (o sistema de cotas dos Estados Unidos) e defende mudanças radicais no sistema educacional brasileiro. Mas, não por acaso, não defende o sistema de cotas, advogando soluções mais flexíveis. Uma delas pode ser a criação de cursos pré-vestibulares para negros. O Ministério da Educação está negociando um financiamento do BID, no valor de US\$ 10 milhões para isso. Os cursos serão administrados por ONGs, certamente em modelo parecido com o do Steve Biko e de diversos outros espalhados pelo Brasil.

Uma vez que os jovens tenham condições de realmente aproveitar o ensino universitário, nada impede a instituição de cotas. Nesse momento, e porque não vai desaparecer da noite para o dia a discriminação racial — às vezes deliberada, às vezes inconsciente — a cota pode ser útil, como já seria hoje para enfrentar, por exemplo, a discriminação contra mulheres no mercado de trabalho. Mas em qualquer circunstância será preciso levar em conta que o negro pode ser a vítima mais antiga da injustiça social, mas certamente não é a única.

Entre as propostas que o país levará à Conferência contra o Racismo, em Durban, as cotas foram incluídas, com a ressalva “ou outras medidas afirmativas”. Ou seja, fez-se a concessão aos defensores das cotas na delegação brasileira, mas ficou aberta a porta para soluções de efeito menos imediato, mas duradouras. É a porta preferível.

...para
soluções de
efeito menos
imediato, mas
duradouras